

ESTHER PILLAR GROSSI

ESTADO DE SÃO PAULO

O adjetivo no lugar do substantivo



**Persiste a
crença
perversa de
que a
inteligência é
um dom**

tério da Educação, de substituição do vestibular, sem que sejam enfocadas; em primeiro lugar, as condições materiais e pedagógicas para a melhoria da qualidade de ensino nas escolas públicas, em todos os níveis.

Existem indicações importantes de que a agenda educacional brasileira está mudando. Nossa urgência de mais escolas aos poucos se transforma em busca de melhores escolas. Mas

atenção aqui: garante-se o acesso à sala de aulas aos alunos vindos de famílias de classes populares sem que lhes seja assegurado minimamente o sucesso de fazer cada série em um ano. Depois, resta dizer que a expulsão que daí decorre é... "evasão escolar". O mínimo que se fez com essa criança foi cercar-lhe a palavra e os movimentos, foi fazer-se pouco das habilidades que ela trouxe de casa ou da rua. Nem falar em atividades de trocas, em pequenos, médios e grandes grupos. O aluno é todo ouvidos apenas.

Em vez da pesquisa instigante de explicações para perguntas novas e interessantes, organiza-

das por professores que se encontram, planejam e se formam também durante cada ano letivo, a decoreba enfadonha de respostas prontas que enchem os livros didáticos ainda domina o ambiente escolar.

Não menos rara é a repetição da fórmula de que se deve ouvir os pais e a sociedade para o planejamento da escola que eles desejam. Mas, então, estamos surdos aos brados que estes emitem vigorosamente, há muito tempo, implorando que a escola ensine a quem nela obstinadamente se mantém! A sabedoria popular é lúcida para se dar conta de que não há outra herança que um pai pobre possa deixar aos filhos senão um pouco de estudo!

Insiste-se em culpar os professores, porque seriam incompetentes e só querem reivindicar direitos, mascarando-se a evidência do quanto eles querem estudar e se preparar, somente não o fazendo porque a exigüidade de seus salários os obriga a se consumir em outras ações legítimas de sobrevivência.

A economia antecede o social, e se diz que não há verbas, especialmente para pagar decentemente aos professores, regulando estes pagamentos pelas disponibilidades de receita. Faz-se como se um pai pobre tentasse o absurdo de bitolar as necessidades básicas de

seus filhos pela sua párcara disponibilidade salarial.

E, mais ainda, continua a existir a crença, ainda mais perversa, de que a inteligência humana é um dom. Assim, a aprendizagem é um privilégio dos inteligentes. Quanto trabalho ainda falta para que as pessoas se abram para a revolucionária descoberta de nosso século de que inteligência é um processo, e de que se fica inteligente porque se aprende. A inteligência, esta sim, é um adjetivo!

Com a adoção desta perspectiva a escola pode acolher todos os alunos, e não só os que já vêm adaptados para sua vesga metodologia de trabalho, em que o adjetivo toma o lugar do substantivo. Deixa-se, assim, de se maquiar centros artificiais de interesse que visam motivar também artificialmente os alunos, em vez de cativá-los com a beleza e o valor de cada disciplina escolar.

A agenda da educação em nosso país aponta para muitas mudanças, que devem ser regidas por essa opção gramatical, do adjetivo para o substantivo. Só assim a escola passará a ensinar aos que mais precisam dela.

■ Esther Pillar Grossi, doutora em Psicologia de Inteligência pela Universidade de Paris, deputada federal (PT-RS), foi secretária da Educação de Porto Alegre

Em educação pública, há muito tempo se pratica esta inversão. Mais do que uma simples inversão, trata-se mesmo de uma perversão das políticas e ações administrativas no campo da educação, mediante a qual se cria a ilusão de que algo está acontecendo, deixando-se de tocar naquilo que importa.

Assim, investe-se na construção de prédios e se dá pouca atenção àquilo que deve acontecer dentro deles — um ensino eficaz.

Promovem-se à exaustão alterações em conteúdos programáticos, no lugar de buscar que eles sejam assimilados a partir do desejo criativa e competentemente despertado por propostas didáticas adequadas, cientificamente elaboradas.

Reformulam-se os esquemas de avaliação como se fossem eles os responsáveis pelo fracasso dos alunos, fugindo-se de criar alternativas bem fundamentadas para produzir aprendizagens efetivas. Enquadram-se nesse tipo de inversão as iniciativas periódicas (a cada quatro anos), do Minis-